

Referência em decadência

Construídos na década passada, CAICs sofrem com má conservação

NIVALDO SOUSA

Criados no início da década de 1990, os Centros de Atenção Integral à Criança (CAIC) surgiram com o propósito de ser referência na educação de crianças e adolescentes no Distrito Federal. Quase quinze anos após a inauguração do primeiro deles (são quatorze, ao todo), a realidade das escolas está bem aquém do propósito inicial. A maior parte delas funciona devido ao empenho de pais e professores para mantê-las.

Os CAICs atendem crianças e adolescentes de quatro a quatorze anos, que têm aulas da pré-escola à 4ª série. Os centros foram planejados para uma demanda de 1,5 mil estudantes, com atenção integral. A capacidade, no entanto, é extrapolada na maioria dos casos - em muitos centros, cerca de três mil alunos se revezam em três turnos.

As adversidades vividas por alunos e professores são diárias. Os principais problemas apresentados pelas escolas estão relacionados às



Problemas de infra-estrutura, segurança e superlotação são comuns em diversas unidades

instalações. A maioria dos CAICs não sofreu nenhuma reforma estrutural desde a inauguração. Com isso, infiltrações, problemas elétricos e banheiros em péssimas condições são recorrentes em todos os centros.

Alguns aparentemente são bem cuidados, como os CAICs Bernardo Sayão, em Ceilândia, e o Santa Paulina, no Paranoá. Mas de acordo com a diretora do Bernardo Sayão, Núbia Silva Miranda, "a escola está mascarada",

em referência aos problemas que não são tão visíveis. "A escola funciona porque tem professores caprichosos", aponta Luciana Pontual, diretora do Santa Paulina,

Em visita aos CAICs, a reportagem da Tribuna do Bra-

sil verificou que a maioria deles não apresenta equipamentos de segurança, como mangueiras e extintores de incêndio, ou estão com o prazo de validade vencido. Fios elétricos desencapados estão ao alcance das crianças, buracos são encontrados no piso, esgotos correm à céu aberto, e grades e arames ameaçam a segurança dos pequenos.

Simone Gonçalves Dias, mãe de três alunos do CAIC Unesco, em São Sebastião, reclama que "há muitos alunos em excesso, faltam funcionários, e às vezes a escola está suja. Quando chove, molha tudo, a escola fica inundada". Inundação é uma reclamação recorrente sobre os centros. Além disso, roubos são frequentes - os bandidos entram pelas aberturas de ventilação e iluminação nos telhados dos prédios, cujas grades são facilmente removíveis.

A estrutura das escolas é toda em concreto pré-moldado - opção economicamente mais viável à época da construção, mas que não trás conforto aos estudantes nem aos professores. "Quem projetou um CAIC desses nunca foi professor na vida. Quando está frio, esfria muito. E quando está quente, esquenta demais", reclama a coordenadora Amanda Lobo Lopes, do CAIC Unesco.